

Os Rios Que Atravessam a Cidade da Cultura: Um Ensaio Sobre Porto Nacional No Antropoceno

The Rivers That Flow Through The City of Culture: An Essay On Porto Nacional In The Anthropocene

Fernando Mayer Pelicice ¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Resumo: A emergência do Antropoceno impactou profundamente as relações entre a Sociedade e a Natureza, um processo agravado pelo apagamento dos ambientes e da biodiversidade. Os rios, em particular, têm enfrentado um destino muito sombrio, o que levanta importantes questões éticas sobre sustentabilidade da sociedade humana em um mundo empobrecido de riqueza material e espiritual. Neste contexto, este ensaio busca descrever e analisar a situação de Porto Nacional (TO) no Antropoceno, buscando elementos para compreender a transformação socioambiental vivida pela cidade. Localizada às margens do rio Tocantins, e cortada pelo ribeirão São João, a cidade se desenvolveu com o fluxo das águas, que trouxeram desenvolvimento, identidade e senso de pertencimento ao povo local. Tendo os rios como tecido ambiental, se tornou a Cidade da Cultura, guardiã da riqueza tocaninense e solo fértil para o florescimento de perspectivas diversas. Apesar dessa conjuntura, a cidade passou a testemunhar silenciosamente o apagamento de seus ambientes naturais, e sem reação, embarcou em um processo de desconstrução cultural. No atual momento, Porto Nacional teve seu epíteto atualizado para Cidade do Agro e Cultura, revelando que, para a sociedade, a cultura se tornou questão secundária. É notório o processo de estagnação dos rios e das almas, com efeitos perenes sobre a construção da identidade, caráter, memória, e vínculo emocional das pessoas. Porto Nacional caminha, no Antropoceno, para o destino comum às cidades brasileiras, caracterizadas pela degradação extrema do meio ambiente, apagamento das relações com a Natureza, e a pulverização de sua riqueza cultural.

Palavras-chave: apagamento socioambiental; biodiversidade; Tocantins.

Abstract: The emergence of the Anthropocene has impacted profoundly the relationship between Society and Nature, a process intensified by the loss of environments and biodiversity. Rivers, in particular, have faced a grim fate, raising important ethical questions about the sustainability of human society in a world impoverished of material and spiritual wealth. In this context, this essay intends to describe and analyze the situation of Porto Nacional (Tocantins) in the Anthropocene, searching for elements to understand socio-environmental changes in the city. Located on the banks of the Tocantins River, and crossed by the São João Stream, the city has flourished with the river flow, which brought development, identity, and sense of belonging. Having the rivers as its environmental fabric, it became the City of Culture, guardian of the Tocantins' wealth and fertile ground for diverse perspectives. Despite this condition, the city began to witness silently the erasure of its natural environments, and with no reaction, embarked on a process of cultural deconstruction. Currently, Porto Nacional had its epithet updated to City of Agro and Culture, revealing that culture has become a secondary issue. The stagnation of rivers and souls is

¹ Doutor em Ecologia de Ecossistemas Aquáticos Continentais, Docente do Curso de Ciências Biológicas e do Mestrado em Biodiversidade, Ecologia e Conservação (PPGBec) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: fmpelicice@mail.uft.edu.br

notorious, with lasting effects on the construction of identity, character, memory, and emotional bonds. In the Anthropocene, Porto Nacional is heading towards the common fate of Brazilian cities, characterized by extreme environmental degradation, the weakening of relationships with Nature, and the loss of cultural wealth.

Keywords: biodiversity; socioenvironmental loss; Tocantins.

Submetido em 20 de janeiro de 2026.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2026.

Introdução

A espécie humana tem uma longa história no planeta. Nascidos na África pleistocênica cerca de 300 mil anos atrás, os humanos se dispersaram pelo planeta, estabelecendo comunidades, culturas e histórias próprias, sempre carregando em sua memória a marca das paisagens, dos ecossistemas e da biodiversidade. O contato íntimo com a Natureza foi uma constante, afinal dela fazemos parte e dependemos, seja como fonte de recursos, seja como referência. Florestas, savanas, montanhas, desertos, rios e mares representam o palco ambiental onde os povos humanos floresceram. Os rios, em particular, ocupam lugar especial em nossa trajetória, haja vista a dependência humana pela água doce e seus serviços (Petsch et al., 2023). Não por acaso, assentamentos humanos usualmente se estabelecem às margens de cursos d'água, um comportamento que sedimentou o significado dos rios no inconsciente de muitas culturas, na forma de um território de subsistência, riqueza e referência.

A emergência do Antropoceno, entretanto, trouxe mudanças profundas para as relações entre a Sociedade e a Natureza. Essa época, caracterizada pela expansão e dominação humana do planeta Terra (Vitosek et al., 1997; Steffen et al., 2015; Elhacham et al., 2020), consolidou uma visão de mundo antropocêntrica que fortalece o sentimento de independência e autonomia humana, ao mesmo tempo que enfraquece nossas conexões subjetivas com o ambiente (Dorst, 1973). O afastamento da Natureza tem sido agravado pelo próprio apagamento dos ambientes, visto que, atualmente, todos os ecossistemas do planeta encontram-se sob algum grau de perturbação, muitos profundamente degradados, danificados ou mesmo extintos (Dudgeon et al., 2006; Halpern et al., 2008; Grantham et al., 2020). O apagamento dos ecossistemas e da biodiversidade é um processo acelerado e em curso, que além de afetar processos cruciais que sustentam a vida no planeta, tem sido acompanhado por transformações culturais significativas (Diamond, 2014), instaurando um processo de extinção em massa de plantas, animais e culturas. Os rios,

em particular, têm enfrentado um destino muito sombrio, figurando entre os ecossistemas mais degradados do planeta (McRae et al., 2017; Grill et al., 2019). O descaso com os rios tipifica muito bem o espírito do Antropoceno, uma postura que levanta importantes questões éticas sobre sustentabilidade da sociedade humana em um mundo empobrecido de riqueza material e espiritual.

O processo de degradação e apagamento socioambiental ocorre em escala global, atingido lugares que até então preservavam certo distanciamento das pressões do Antropoceno. Este é o caso de Porto Nacional, a Cidade da Cultura, estado do Tocantins. Localizada às margens do rio homônimo ao estado, e cortada pelo ribeirão São João, a cidade se desenvolveu com o fluxo das águas, que trouxeram desenvolvimento, identidade e senso de pertencimento ao povo local. Tendo os rios como tecido ambiental, se tornou a Cidade da Cultura, guardiã da riqueza tocantinense e solo fértil para o florescimento de perspectivas diversas, fonte de literatura, cantigas, culinária, costumes e outras manifestações. Apesar dessa conjuntura, a cidade tem testemunhado silenciosamente o apagamento de seus ambientes naturais, e sem reação, embarcou em um processo de desconstrução cultural. A marcha do apagamento tem ocorrido à luz do dia, mas o assunto permanece nebuloso em círculos acadêmicos e populares, fazendo com que suas consequências não sejam bem apreciadas pela sociedade. Na tentativa de estimular o debate e a reflexão, este ensaio procura, de maneira breve, descrever e analisar a situação de Porto Nacional no Antropoceno, buscando elementos para compreender a transformação ambiental e cultural vivida pela cidade. O ensaio busca, sobretudo, aportes para estimular a reflexão sobre o risco socioambiental de o Antropoceno pulverizar a conexão entre humanos e o ambiente, uma situação usualmente retratada em distopias literárias, mas que ao mesmo tempo se apresenta como um elemento concreto da realidade.

1. A Cidade da Cultura

Pense que tudo o que está ou poderia estar em qualquer outro lugar está aqui: riquezas, poder, conforto, glória, filósofos, ouro, espetáculos, efebos, ginásios, vinho, todas as coisas boas que a alma pode desejar; mulheres também, em maior número que as estrelas, belas como deusas.

Herodes de Alexandria (*apud* Vrettos, 2005, p.57)

A cidade de Porto Nacional teve sua origem no povoado de Porto Real (arraial), fundado à margem direita do Rio Tocantins nos idos de 1740. Em 1835 foi desmembrada

da freguesia do Carmo, recebendo o título de cidade em 1861, então denominada Porto Imperial; apenas em 1890 passou a se chamar Porto Nacional. Espelhando a história do país, Porto Nacional nasceu na época do reinado, atravessou o período imperial, e se concretizou em tempos republicanos (Rosa et al., 2015). Durante um longo período de sua história, foi considerada cidade do sertão profundo do Brasil, distante dos grandes centros e com acesso complicado. Referência do norte da província de Goyaz, encontrou certo declínio e esquecimento geográfico enquanto cidade do Estado de Goiás, vindo a assumir protagonismo político na criação do estado do Tocantins, que se deu em 1988. Nessa trajetória de quase 300 anos, a cidade prosperou, tendo como base atividades de mineração, entreposto, pecuária, agricultura, comércio, navegação, pesca e turismo. Hoje é um município de aproximadamente 4.500 km² localizado na região central do estado do Tocantins, com população estimada em cerca de 70.000 habitantes. Em 2021 apresentou PIB de R\$ 3.649.421,00, o terceiro maior do estado, ocupando a 366^a posição no ranking nacional (IBGE, 2025).

Talvez o fato mais marcante da cidade seja seu título de Cidade da Cultura. A cidade abriga importante patrimônio arquitetônico (Fig. 1) de valor histórico e turístico (Balsan et al., 2020), além de preservar uma série de manifestações típicas da cultura tocantinense, na forma de culinária, literatura, festejos, folclore, costumes, artesanato, dentre outras. A Semana da Cultura, evento anual organizado pela prefeitura do município, celebra a importância da cidade como referência à cultura tocantinense. Conta com programação diversa, incluindo a tradicional Feira Literária Portuense (FLIP), além de apresentações culturais, lançamento de obras, homenagens, oficinas e opções de lazer. A 43^a edição do evento aconteceu em 2025, com o tema “O Tocantins nasceu aqui”.

A cidade se assentou sobre matriz cultural diversa, mas típica do sertão brasileiro. Isso significa que recebeu aportes dos primeiros povos que colonizaram a região, como etnias indígenas, comunidades quilombolas e ribeirinhas, além de pessoas que se envolveram em atividades de exploração, extrativismo, agricultura familiar e artesanato. A união dessas perspectivas forjou a cultura tocantinense. Um fator de considerável importância foi o estabelecimento da ordem dominicana francesa no final do século XIX, pois impulsionou a estruturação do ensino na cidade, além de abrir caminho para a presença de tipografias, médico e políticos (Rocha, Oliveira, 2015) – elementos que contribuíram em consolidar o ambiente intelectual e cultural da cidade.

Figura 1. Elementos culturais da cidade de Porto Nacional. Catedral Nossa Senhora das Mercês (A), casario patrimônio histórico-cultural da cidade (B), residências típicas do centro histórico da cidade (C); movimentação de turistas no período de praias (D).



Fonte: O AUTOR.

Com o passar do século XX, Porto Nacional desenvolveu um cenário multicultural ainda mais interessante, pois a cidade se abriu para vertentes culturais diversas (e.g., artistas, protestantes, estrangeiros, maçons, acadêmicos), permitindo o desenvolvimento e convivência de distintas formas de ser (Fig. 2). Esse cenário fez de Porto Nacional um porto de cultura no centro do país, unindo tradição e vanguarda, o que agregou ainda mais valor, riqueza e excentricidade à cidade. Nisso, sob o batismo de diferentes epítetos (Capital Cultural do Sertão, Rainha do Norte, Princesa do Tocantins), Porto Nacional se estabeleceu como a Cidade da Cultura, referência das raízes tocantinenses e do sertão profundo do Brasil, ao mesmo tempo que receptáculo de culturas alheias que encontraram em seu território solo fértil para o florescimento.

Figura 2. Base cultural que fez e faz Porto Nacional ser considerada a Cidade da Cultura no Tocantins.



Fonte: O AUTOR. Imagem do iceberg obtida em: <https://br.freepik.com>

2. Os rios de Porto Nacional

A subsistência de uma vila depende menos da existência de homens honrados que nela residam do que das matas e charcos que a circundam. Num distrito em que uma floresta primitiva se descortine acima da terra e outra floresta primitiva apodreça no subsolo – esse distrito há de fornecer não apenas trigo e batatas mas também poetas e filósofos para as gerações futuras. Num solo desses é que foram criados Homero, Confúcio e outros, e dessa rusticidade provém o Reformador, comendo gafanhotos e mel silvestre.

Henry David Thoreau (2002, p.57)

A cidade de Porto Nacional é banhada por dois importantes rios, testemunhas e agentes da história regional: o majestoso rio Tocantins, símbolo da fundação da cidade; e o frágil ribeirão São João, pequeno curso d'água que atravessa a cidade e o campo (Fig. 3). Ambos fazem parte da bacia Tocantins-Araguaia, formada por uma série de cursos d'água que drenam vastas áreas do Cerrado brasileiro, além da floresta Amazônica em seu curso inferior.

O rio Tocantins, com seus mais de 2.500 km de extensão, nasce no planalto central brasileiro e flui em direção ao estuário do rio Amazonas, na região de Belém do Pará. É um rio de águas claras, paisagens icônicas (Fig. 3) e rica biodiversidade, marcado por alto grau de endemismo da fauna aquática (Pelicice et al., 2025). O ribeirão São João contrasta em tamanho com o rio Tocantins, mas não em relevância. Com seus aproximadamente

Revista Porto das Letras, Vol. 12, Nº Especial. 2026

Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea: O que vem depois do Fim?

20 km de extensão, nasce na serra do Carmo e deságua na margem direita do rio Tocantins, atravessando o perímetro rural e urbano da cidade. É um rio estreito e raso (Fig. 3), com baixo desnível no terreno, de fluxo lento, mas perene, coberto por densa mata de galeria e circundado pela vegetação de Cerrado. Abriga recursos hídricos valiosos e rica biodiversidade. Os estudos na bacia, ainda prematuros, catalogam cerca de 40 espécies de peixes (Pelicice, dados não publicados) e 40 famílias de insetos aquáticos (Ferreira et al., 2025), indicando que o número de espécies da fauna e flora é desproporcionalmente alto.

Figura 3. A paisagem que circunda a cidade de Porto Nacional (A), inserida em meio a fragmentos de Cerrado, com o rio Tocantins ao fundo e o ribeirão São João fluindo em direção à cidade. Nas fotos menores, o rio Tocantins (B) e o ribeirão São João (C).



Fonte: O AUTOR.

O fluxo desses rios trouxe recursos e referências para o desenvolvimento econômico, social e cultural da região. A conexão histórica da cidade de Porto Nacional com o rio Tocantins é notória. A localização lindeira da cidade e sua natureza portuária favoreceram ou mesmo incentivaram o uso dos recursos fluviais, na forma de água, pesca, transporte, comércio e lazer. Embora o povo tocantinense não carregue a intimidade da vida nos rios, típico das comunidades amazônicas, pode-se dizer que a cidade de Porto Nacional aconteceu à beira rio. Até tempos muito recentes (meados do século XX), o rio representava a principal rota de comunicação e transporte entre comunidades, povoados e cidades, interligando também o interior do país com a região portuária de Belém (PA)

e o oceano Atlântico (Oliveira et al., 2014; Brito, 2018). Neste cenário, Porto Nacional se concretizou como ambiente de conexão, que recebia e despachava bens, pessoas e cultura, uma dinâmica comum a outras cidades e povoados no alto e médio rio Tocantins.

Nesse cenário, o rio Tocantins se apresentou como fonte permanente de recursos para comunidades ribeirinhas, povoados e a própria cidade de Porto Nacional. O Cerrado da região é farto em produtos vegetais e animais (e.g., frutos, raízes e caça); a pesca, em particular, se beneficia da presença de peixes nobres e cobiçados. A construção de acampamentos temporários nas praias de rio é costume típico na bacia Tocantins-Araguaia. Durante o período seco (junho a setembro), centenas de praias se formam ao longo do rio com o recuo das águas, então povoadas por famílias que se deslocam para usufruir de um contato mais íntimo com o rio (Fig. 2). Em Porto Nacional, as praias das ilhas Honorato Moura e Carreira Comprida recebiam milhares de turistas e moradores durante a estação seca, refletindo a preservação de um estilo de vida seminômade e de forte contato com o ambiente – um hábito muito estimado pela população local (Jácomo, Balsan, 2017; Messias, 2020). Nisso, o rio deixou marcas profundas na memória do portuense, uma presença manifesta na cultura regional (e.g., cantigas, músicas, poesias, folclore).

As águas do ribeirão São João também foram cruciais para o florescimento da cidade e do seu entorno rural. Historicamente, a drenagem foi ocupada por pequenas propriedades e assentamentos que praticavam agricultura de pequena escala para subsistência e comércio, incluindo a criação de animais para produção de carne e leite, e o extrativismo de produtos do Cerrado. Essa produção atualmente abastece as feiras livres da cidade, e incluem, por exemplo, hortaliças, frutas, legumes, mel, leite e derivados. As atividades rurais no entorno são muito dependentes dos recursos naturais da drenagem, especialmente a provisão de solo e água. Além disso, até recentemente, o ribeirão foi o principal manancial hídrico da cidade, abastecendo o centro urbano de Porto Nacional com água potável. Para além dos benefícios da provisão, o ribeirão também presta serviços de lazer, oferecendo áreas de banho com águas frias, límpidas e cristalinas, o que criou senso de pertencimento na população local (Teixeira et al., 2018).

A identidade dos povos carrega a marca do ambiente e seu território, na forma de memória, significados, e senso de pertencimento, com reflexos imanentes na cultura (Diamond, 2014). As comunidades que se desenvolveram na cidade de Porto Nacional e entorno trazem a marca viva do rio Tocantins e do ribeirão São João, seja como vínculo

de sustentação para a vida material, seja como inspiração e referência para o fluxo de ideias que anima a vida espiritual e molda a cultura popular.

3. Rios estagnados

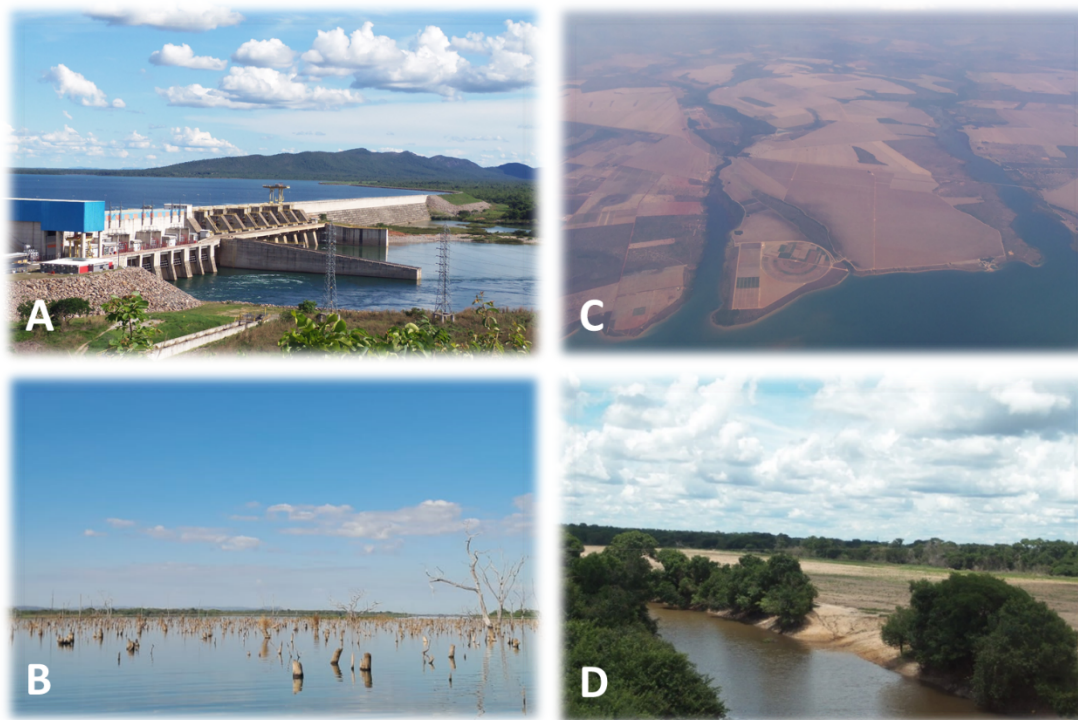
Ontem eu sonhei com o espírito do rio. Fiquei muito assustado, pois quando a gente sonha ele pode estar zangado. Pode acontecer de ficarmos doentes. Quando sonhamos pode ser que ele esteja dizendo que estamos pescando muito, pegando os seus filhos. Então precisamos ficar um tempo sem pescar, para ele ficar calmo novamente e não assustar os nossos sonhos.

R. Xerente (*apud* Silva, Grácio, 2020, p.137)

O avanço do Antropoceno trouxe mudanças notáveis para as paisagens do Tocantins, especialmente nos últimos 40 anos. A expansão das atividades humanas se manifestou na forma de estradas, mineração, monoculturas, grandes cidades e barragens hidrelétricas, no esforço de consolidar a região como produtora de *commodities* (minérios, grãos e energia). Esse modelo foi a base para o desenvolvimento socioeconômico e político no sul e sudeste do país, então transposto para o centro-oeste e, agora, impulsionado pelo projeto MATOPIBA, para os estados do norte e nordeste.

Em poucas décadas, os ecossistemas terrestres e aquáticos da bacia Tocantins-Araguaia passaram por transformações ambientais sem precedentes, impulsionadas por mudanças na cobertura vegetal e na hidrologia dos rios (Fig. 4). Em 2019, cerca de 42% da bacia havia sido convertida em pastagens e monoculturas (Pelicice et al., 2021), um processo que acelerou desde então. O município de Porto Nacional perdeu cerca de 20% de sua vegetação original desde o ano 2000, sobrando 45% da vegetação em 2024 (MapBiomias, 2025) – se aproximando do limite de cerca de 35% imposto pela legislação. O processo de desmatamento acomete o Bioma Cerrado como um todo, a considerar que a cobertura da vegetação nativa (florestas, savanas, campos e alagados) foi reduzida de 71% em 1985 para 51% em 2024 (MapBiomias, 2025). Na interface terra-água, a vegetação ripária, protegida por lei, tem sido amplamente degradada ou mesmo removida (Swanson, Bohlman, 2021). Além disso, barragens hidrelétricas e agrícolas transformaram os rios da bacia em uma sequência de represas, interrompendo o fluxo, subtraindo água e fragmentando o ecossistema. O processo de degradação ocorre em larga escala por toda a bacia (Latrubesse et al., 2019; Pelicice et al., 2021), com reflexos imediatos sobre a biodiversidade e recursos naturais, que vêm sendo transformados, erodidos ou perdidos.

Figura 4. Apagamento ambiental do rio Tocantins, resultado da construção de barragens hidrelétricas (A), formação de áreas represadas e florestas submersas (B), amplo desmatamento da vegetação do Cerrado (C), e perda de vegetação ripária (D).



Fonte: O AUTOR.

O rio Tocantins, em particular, deixou de fluir em muitos trechos ao longo de seu percurso. Das cabeceiras à foz, sete grandes barragens regulam sua vazão, formando imensas áreas permanentemente alagadas (Pelicice et al., 2021). Esse processo aniquilou de maneira permanente os ambientes tipicamente fluviais, incluindo aqueles característicos da região, como praias, corredeiras, pedrais, travessões e cachoeiras (Akama, 2017). A região de Porto Nacional foi profundamente transformada pela construção da UHE Luís Eduardo Magalhães (UHE Lajeado), que converteu o canal do rio Tocantins em um grande represamento (Fig. 4), provocando o desaparecimento de lajedos, praias e outros ambientes. O ribeirão São João passa por processo de degradação semelhante, ou até mais dramático, considerando sua fragilidade (Fig. 5). O rio teve seu curso médio fragmentado por uma barragem de acumulação, mas diversas pequenas barragens e obstáculos perturbam o fluxo do rio. Muito impactante tem sido a remoção da cobertura vegetal da bacia pela expansão de lavouras (Leite, Carvalho, 2013): em

2022, restavam apenas 43% da cobertura florestal original, com ampla remoção do Cerrado (Fig. 5) e a degradação das matas ripárias. O ribeirão também tem sido muito vulnerável a processos de erosão, assoreamento, contaminação, descarte de resíduos, subtração de água, obstáculos, estradas e impermeabilização (Teixeira et al., 2018; Fontoura et al., 2024). Seja no campo ou na cidade, o ribeirão São João atualmente se encontra em situação de profunda degradação ambiental.

Figura 5. Apagamento ambiental do ribeirão São João, resultado do amplo desmatamento que acomete toda a bacia (A), degradação do canal do rio com resíduos e contaminantes (B), e escassez hídrica (C). A última foto ilustra o canal do rio completamente seco.



Fonte: O AUTOR.

A epítome da degradação do rio Tocantins e do ribeirão São João está na atual condição hídrica desses ecossistemas: o primeiro tem experimentado redução de vazão (Oliveira et al., 2014); o segundo passou a secar durante o período de estiagem (Fig. 5), permanecendo sem água ou com vazão muito reduzida no seu curso superior (Fontoura et al., 2024). As alterações na vazão estão diretamente associadas às modificações na cobertura do solo e hidrologia dos rios, processos que impactam o escoamento e retenção da água pelo solo, a manutenção de nascentes, e a produção de água. A atual intermitência induzida do Ribeirão São João, um rio naturalmente perene, representa o resultado mais dramático do avanço do Antropoceno na bacia Tocantins-Araguaia, pois além da

destruição do ecossistema, prenuncia a chegada de crises hídricas.

Essas mudanças ecossistêmicas sinalizam o apagamento ambiental da região, um processo veloz e em larga escala – liderado por Porto Nacional e outros municípios protagonistas do agronegócio. As ricas e únicas paisagens do Tocantins estão sendo substituídas por paisagens simplificadas e homogêneas, empobrecidas de biodiversidade e serviços ambientais. Porto Nacional, antes marcada pela diversidade ambiental, agora adentra momento único de sua história, caracterizado pelo esvaziamento dos elementos, símbolos e referências naturais que sustentaram e deram brilho à cidade.

4. Almas estagnadas

Temos afirmado com maior constância na Nova Inglaterra que cada vez escasseiam mais os pombos que nos visitam cada ano. Nossas florestas não lhes proporcionam poleiros. Semelhantemente, dir-se-ia que é cada vez menor o número de pensamentos a visitar os adolescentes, ano a ano, pois os arvoredos de nossas mentes jazem devastados – vendidos para alimentar desnecessários fogos de ambição, ou enviados ao moinho, restando um mero galho onde possam pousar.
Henry David Thoreau (2002, p.68)

Um rio que não flui deixa de ser rio, na semântica (do grego *rhei* = fluxo) e na existência. A ausência de fluxo altera profundamente os processos ecológicos do ecossistema fluvial (Poff et al., 1997; Humphries et al., 2014), pois o fluxo da água é a função de força do sistema; nisso, mudam os ambientes, a biodiversidade, a paisagem... mudam as pessoas.

O recuo do ambiente deve ser acompanhado pelo recuo de certas perspectivas humanas que buscam inspiração e identidade nas manifestações da Natureza. A estagnação dos rios, em metáfora, deve acelerar um processo de estagnação de almas, com o apagamento progressivo do *terroir* tocantinense. A referência do rio Tocantins como símbolo de vida, movimento, sustento e desenvolvimento já perdeu sentido numa condição em que o fluxo, ambientes e paisagens originais não existem mais. Muitas comunidades ribeirinhas foram desalojadas, incluindo a perda de territórios e espaços permanentes ou temporários de sustento, lazer, convivência e deslocamento (Brito, Almeida, 2017). A própria praia da cidade teve de ser reconstruída, agora artificial, incapaz de recriar os elementos originais (Jácomo, Balsan, 2017); a pesca, em particular, foi brutalmente transformada, de modo que recursos pesqueiros valiosos foram completamente perdidos (Santos, Pelicice, 2025) – forçando antigos ribeirinhos e

pescadores a buscarem alternativas de vida menos dependentes do rio. A transformação do rio em represa também tem estimulado sentimento de rejeição ao ambiente e seus elementos, como, por exemplo, a insatisfação com a proliferação de organismos indesejáveis (e.g., raias, piranhas e plantas aquáticas) ou a perda da barranca e canal do rio, substituídos por áreas rasas cobertas por lama, plantas e troncos que dificultam a navegação. Há, inclusive, sentimento de rejeição com relação a antigos símbolos centrais da cultura local, mas que foram transformados (e.g., praia artificial). O próprio ribeirão São João, elemento íntimo da cidade, se tornou ilustre desconhecido da população. Pude testemunhar, por diversas vezes, o desconhecimento das pessoas e das crianças sobre o rio, especialmente sua localização, espaço de lazer e papel de manancial hídrico. Papel que, diga-se, está se perdendo diante da crescente incapacidade do rio em produzir água.

Não se pode ignorar o potencial efeito das mudanças ambientais sobre a construção da identidade, caráter, memória, e vínculo emocional das pessoas. As novas gerações, essencialmente urbanas e construídas na velocidade das tendências da cultura global, não constroem experiências que estabeleçam laços emocionais e memoriais com os rios, basicamente porque a conexão com a Natureza se enfraqueceu – um processo global. A população de Porto Nacional (e do Tocantins) não tem mais os mesmos rios para se orgulharem e inspirarem; não há mais as mesmas águas para se espelharem. Esse processo é notório em Porto Nacional, com reflexos óbvios na cultura, que perde, com a degradação dos rios, um ponto de referência central. Porto Nacional, a Cidade da Cultura, passa por transformações de espírito.

A mudança na orientação cultural da cidade é um fenômeno em progressão, mas com resultados palpáveis. Nos últimos anos a cidade ganhou notoriedade como Capital do Agro e, em 2025, a prefeitura passou a denominar Porto Nacional como Cidade do Agro e Cultura (Fig. 6). Ou seja, o valor da Cultura, para a autoridade, não é mais o mesmo de outrora; diminuído, se tornou secundário como identificador da cidade. Na verdade, o desenvolvimento do agronegócio seduziu a sociedade tocantinense de forma a absorver, sem qualquer escrutínio, os costumes, desejos e custos associados a esse modelo de produção. O sucesso do agronegócio pode ser medido, em números, na Agrotins, principal evento do estado do Tocantins, que reúne milhares de pessoas e movimenta milhões de reais a cada ano – um evento que tem sedimentado novos padrões culturais (e.g., culinária, moda, tecnologia, desejos). Nenhum outro evento do estado tem essa força, apelo e investimento. É válido considerar também o aumento no PIB per capita da

cidade (IBGE, 2025), que atingiu patamar de R\$ 68.063 em 2021, quase o dobro do registrado em 2019 (R\$ 35.271), e seis vezes maior do que o registrado em 2010 (R\$ 11.194). É compreensível que o avanço na dimensão econômica tenha forte impacto psicológico na sociedade, especialmente em um cenário de carência material, mas esse tipo de motivação não leva em consideração os custos e riscos gerados pela perda de recursos naturais essenciais (e.g., água), bem como ignora as perdas irreversíveis resultantes do apagamento cultural.

Figura 6. Logomarca da prefeitura de Porto Nacional que usa o epíteto Cidade do Agro e Cultura, ao invés do tradicional Cidade da Cultura.



Fonte: <https://portonacional.to.gov.br/turismo>

A sociedade portuense (e tocantinense), no momento, está fazendo um claro caminho de afastamento de sua histórica vocação cultural, com a substituição de perspectivas antigas, ricas e multifacetadas, por outra mais homogênea e calcada em um sistema de produção econômica. O processo de reorientação está em curso, colocando em risco a tradicional posição cultural de Porto Nacional e seu papel na preservação da memória tocantinense. Resta saber se o solo fértil do Cerrado persistirá como campo poderoso para o florescimento de manifestações do intelecto e da cultura, ou se a fertilidade terá seu escopo diminuído à produção de grãos e capital. Há de se considerar o atual momento da humanidade, imersa em uma rotina substancialmente digital e fantasiosa, distante das coisas concretas, pautada por tendências e desejos supérfluos, com seu intelecto cada vez menos exigido diante do avanço dos algoritmos e da inteligência artificial. Tal como explorado nas obras clássicas sobre distopia futurista (e.g., *Admirável Mundo Novo* de Huxley, ou *1984* de Orwell), sobra pouco interesse e admiração pela Natureza e Cultura em um mundo tecnocrata orientado para a produção e consumo.

Diante da marcha do progresso no século XIX, Henry Thoreau, em seu livro “Andar a pé”, lamentou: “Onde estão esses grandes pensamentos, esses grandes homens de que

se ouve falar?” (2002, p.68). O lamento de Thoreau, profundo admirador da Natureza e do intelecto humano, traduz o espírito do Antropoceno, época marcada por conquistas tecnológicas e enriquecimento material, mas também pelo esquecimento da Natureza e o enfraquecimento da alma humana.

Considerações Finais: uma cidade sem rios

Quem está certo? Isto depende do tipo de informação que tem status privilegiado, e isso por consequência, depende da cultura, ou dos ‘líderes culturais’ que usam a informação. Muitas pessoas, sem muito raciocínio, preferem tecnologia do que harmonia com a Natureza.
Paul Feyerabend (1993, p.236)

Os rios da Cidade da Cultura jazem estagnados nos canais, nas almas e, paulatinamente, na memória das pessoas. Um rio que não flui é um rio doente; um rio sem água é um rio morto. Como acontece com os rios, a estagnação das almas adocece a potência humana, afinal, o ser humano é capaz de existir de diferentes formas, algumas mais grandiosas, outras menos. Porto Nacional seguiu o curso de desenvolvimento das cidades no Antropoceno, que ainda não aprenderam a compatibilizar a necessidade econômica com a preservação do ambiente, da biodiversidade e da cultura. O caso é ainda mais delicado em se tratando de Porto Nacional, cidade rica em Natureza e Cultura, e que, por isso, tem muito a perder. No momento, Porto Nacional e o Tocantins caminham para o destino comum às cidades brasileiras, caracterizadas pela degradação extrema do meio ambiente, apagamento das relações com a Natureza, e o estabelecimento de uma vida cultural com acentos globais, sem singularidades, alinhada com demandas e motivações econômicas. Esse cenário é muito bem conhecido e, por isso, inspira o lamento de que Porto Nacional poderia fazer diferente – especialmente à luz de outras vocações naturais da região, calcadas na biodiversidade e na cultura. A sociedade tem visto a degradação ambiental com indiferença, afinal ela se apresenta como caminho incondicional para atender às necessidades materiais humanas. No entanto, as consequências de uma crise ambiental (e.g., falta de água, mudança climática) são avassaladoras em si, e as evidências apontam que Porto Nacional já sofre com seus efeitos. No entanto, a sociedade portuense não parece preocupada com tal destino, mas também não parece muito bem informada, restando a ela se resignar (ou se habituar) a um futuro de empobrecimento socioambiental, pois o custo da estagnação da Natureza e das almas se apresentará na forma de desafios

existenciais crescentes.

Agradecimentos

Agradeço à Prof. Dra. Rejane de Souza Ferreira (Universidade Federal do Tocantins) pelo convite para participar do *II Seminário Poéticas e Políticas do Fim na América Latina Contemporânea – O que vem depois do fim*, e também pela oportunidade e encorajamento de submeter este ensaio para a edição especial da revista. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de produtividade em pesquisa (#309025/2023-0).

Referências

AKAMA, A. Impacts of the hydroelectric power generation over the fish fauna of the Tocantins river, Brazil: Marabá dam, the final blow. **Oecologia Australis**. Vol. 21, N. 3, p. 222–231, 2017.

BALSAN, R. et al. (Org.) **Roteiro Geo-Turístico em Porto Nacional**: reflexões de ensino, pesquisa e extensão. Palmas: EDUFT, 2020.

BRITO, E. P. Sobre os ribeirinhos tocantinenses: história e resistências. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**. Vol. 14, N. 14, p. 33–48, out. 2018.

BRITO, E. P.; ALMEIDA, M. G. No itinerário dos expulsos pela UHE Estreito. Território dos sujeitos ribeirinhos no rio Tocantins. **Revista de Geografia (Recife)**. Vol. 34, N. 34, p. 47–63, 2017.

DIAMOND, J. **O mundo até ontem**. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

DORST, J. **Antes que a natureza morra**. Tradução Rita Buongiorno. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1975.

FERREIRA, J. C. C. et al. Chave pictórica para a entomofauna aquática e semiaquática do ribeirão São João, Porto Nacional, Tocantins. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. Vol. 12, N. 1, p. 1–33, 30 abr. 2025. http://dx.doi.org/10.20873/pibic_2024_21126

FEYERABEND, P. **Against Method**. 3rd Ed., London: Verso, 1993.

DUDGEON, D. et al. Freshwater biodiversity: Importance, threats, status and conservation challenges. **Biological Reviews**. Vol. 81, N. 2, p. 163–182, 2006.

ELHACHAM, E. et al. Global human-made mass exceeds all living biomass. **Nature**. Vol. 588, N. 7838, p. 442–444, 17 dez. 2020.

FONTOURA, F. L.; FERREIRA, A. L. B. P.; PELICICE, F. M. Degradação ambiental no ribeirão São João, Porto Nacional (TO), bacia do rio Tocantins. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. Vol. 11, N. 3, p. 1-13, 2024. https://doi.org/10.20873.2024_v3_9.

GRANTHAM, H. S. et al. Anthropogenic modification of forests means only 40% of remaining forests have high ecosystem integrity. **Nature Communications**. Vol. 11, N. 1, p. 1-10, 1 dez. 2020.

GRILL, G. et al. Mapping the world's free-flowing rivers. **Nature**. Vol. 569, N. 7755, p. 215–221, 2019.

HALPERN, B. S. et al. A global map of human impact on marine ecosystems. **Science**. Vol. 319, N. 5865, p. 948–952, 15 fev. 2008.

HUMPHRIES, P. et al. The river wave concept: Integrating river ecosystem models. **BioScience**. Vol. 64, N. 10, p. 870–882, 2014.

IBGE 2025. **Cidades e Estados**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Acesso em 19/09/2025. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/porto-nacional.html>

JÁCOMO, W.; BALSAN, R. **Os discursos e o turismo: um diálogo no município de Porto Nacional – TO**. Palmas: EDUFT, 2017.

LATRUBESSE, E. M. et al. Fostering water resource governance and conservation in the Brazilian Cerrado biome. **Conservation Science and Practice**. Vol. 1, N. 9, e77, set. 2019.

LEITE, E. F.; CARVALHO, E. M. Mapeamento do uso e cobertura da terra na bacia hidrográfica do ribeirão São João, Porto Nacional, Tocantins. **Geoambiente on-line**. Vol. 20, p. 97–110, 2013.

MapBiomass. **Coleção 10 da série anual de Mapas de Cobertura e Uso da Terra do Brasil**. 2025. Acessado em 01/09/2025 através do link: <https://brasil.mapbiomas.org/>

McRAE, L.; DEINET, S.; FREEMAN, R. The diversity-weighted living planet index: Controlling for taxonomic bias in a global biodiversity indicator. **PLoS ONE**. Vol. 12, N. 1, e0169156, jan. 2017.

MESSIAS, N. C. Rio Tocantins: lugar de memória para os portuenses. In: BALSAN, R.; RIBEIRO, L. e BRESSANIN, C. (Orgs) **Roteiro Geo-Turístico em Porto Nacional: reflexões de ensino, pesquisa e extensão**. Palmas: EDUFT, p. 60-68, 2020.

OLIVEIRA, P. T. S. et al. Trends in water balance components across the Brazilian Cerrado. **Water Resources Research**. Vol. 50, p. 7100–7114, 2014.

PELICICE, F. M. et al. Large-scale degradation of the Tocantins-Araguaia River Basin. **Environmental Management**. Vol. 68, p. 445–452, 2021.

PELICICE, F. M. et al. Tocantins and Araguaia. In: GRAÇA, M. A. S.; CALLISTO, M.; TEIXEIRA DE MELO, F.; RODRÍGUEZ-OLARTE, D. (Eds) **Rivers of South America**. Amsterdam: Elsevier. p. 407-431, 2025.

PETSCH, D. K. et al. Ecosystem services provided by river-floodplain ecosystems. **Hydrobiologia**. Vol. 850, N. 12–13, p. 2563–2584, jul. 2023.

POFF, N. L. et al. The natural flow regime. **Bioscience**. Vol. 47, N. 11, p. 769–784, 1997.

ROCHA, L. M.; OLIVEIRA, M. F. Imperatriz [MA] e Porto Nacional [TO]: duas cidades, um rio e muitas histórias. **Labor & Engenho**. Vol. 9, N. 2, p. 70-80, abr./jun. 2015.

ROSA, J. I. L.; OLIVEIRA, M. C. A.; BALSAN, R. (Orgs) **Porto Nacional, patrimônio do Brasil: histórias e memórias**. Palmas: EDUFT, 2015.

SANTOS, M. A. A.; PELICICE, F. M. Sentinels of environmental change: shifts in fish diversity through the lens of artisanal fishers. **Neotropical Ichthyology**. Vol. 23, N. 1, e240049, 2025.

SILVA, R. P.; GRÁCIO, H. R. O modelo de desenvolvimento do Tocantins e o povo Akwẽ-Xerente: impactos socioambientais e desafios da interculturalidade. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Vol. 13, N. 2, p. 131–144, 2020.

STEFFEN, W. et al. **Planetary boundaries: Guiding human development on a changing planet**. *Science*. Vol. 347, N. 6223, e1259855, 2015.

SWANSON, A. C.; BOHLMAN, S. Cumulative impacts of land cover change and dams on the land–water interface of the Tocantins River. **Frontiers in Environmental Science**. Vol. 9, e662904, April 2021.

TEIXEIRA, R. A. S. et al. Impactos ambientais no ribeirão São João: memória dos ribeirinhos do município de Porto Nacional-Tocantins. **Revista Geografia em Atos**. Vol. 8, N. 3, p. 81–92, dez. 2018.

THOREAU, H. D. **A desobediência civil e outros escritos**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

VITOUSEK, P. M. et al. Human domination of Earth's ecosystems. **Science**. Vol. 277, N. 5325, p. 494–499, jul. 1997.

VRETTOS, T. **Alexandria: a cidade do pensamento ocidental**. São Paulo: Odysseus, 2005.